



O Programa do Juvenal, 47 anos depois

Show de calouros que foi promovido de 1954 a 1969 era organizado por moradores e uniu gerações em torno da música



(Foto: Ierê Ferreira)

Luiza Gomes

Bairro de Manguinhos, Zona Norte do Rio de Janeiro, 1954. Centenas de pessoas, entre moradores e visitantes, se reúnem ansiosamente em torno de um palanque de madeira, no cair da tarde. A semana passou com as inscrições abertas para que cantores amadores da região pudessem assinar seus nomes na lista de candidatos

a se apresentarem no *Show do Juvenal*. Narram os veteranos do evento que não só ninguém saía da favela de Vila Turismo nessas noites de domingo, como o local – ainda que modesto, sem significativo suporte logístico – recebia interessados de diversos cantos da cidade.

O programa é lembrado até hoje como uma das principais atividades culturais realizada na comunidade, pela comunidade e para comunidade de todos os seus mais de 60 anos de

existência. Em novembro do ano passado, o evento teve uma reedição com curadoria do coletivo de provocação artística de Manguinhos, o Experimentalismo Brabo, intitulado *Show do Juvenal – 47 anos depois*. O show de calouros deu início à programação de três dias da Agenda Cultural Mandela Vive, uma iniciativa do Ecomuseu de Manguinhos/Rede CCAP, com gestão cultural do Centro Afrocarioca de Cinema Zózimo Bulbul, e apoio da Fiocruz, por meio tanto da Sociedade

de Promoção da Casa de Oswaldo Cruz (SPCOC) quanto da Coordenação de Cooperação Social da Presidência da Fiocruz.

A reedição tinha o objetivo de recuperar um momento histórico importante da memória cultural de Manguinhos, bairro onde está situada a Fiocruz, e ressignificar a favela como um espaço de produção artística, em oposição ao estigma da violência e aos fantasmas que povoam os territórios de exceção, segundo os curadores. A esse respeito, Leo Salo, um dos membros fundadores do Experimentalismo Brabo, diz que o complexo teve e ainda tem uma grande efervescência cultural que não aparece e que raramente é incentivada.

“O *Show do Juvenal* era mais que um evento cultural local, era um ponto de encontro de jovens de diversos bairros do Rio de Janeiro. Reviver isso é tentar recuperar a lembrança desse momento, e aos poucos mudar a imagem que os próprios moradores fazem da sua própria região como lugar de abandono, de opressão”, explicou.

Show do Juvenal: um Chacrinha não-televisionado

O jovem Juvenal tinha por volta dos seus 24 anos quando teve a ideia de organizar um programa de calouros para a população de Manguinhos. Apontado em alguns relatos como o primeiro presidente da Associação de Moradores de Vila Turismo, ele é descrito como um rapaz branco, com grande carisma e poder de comunicação. O apresentador mobilizava na praça – que hoje leva informalmente o seu nome – senhoras, moças e rapazes e também crianças e adolescentes. Alguns dos frequentadores arranjaram casamentos, outros colecionam histórias de flertes e amizades que tiveram início nesse contexto.



O evento teve uma reedição com curadoria do coletivo de provocação artística de Manguinhos, o Experimentalismo Brabo, intitulado *Show do Juvenal – 47 anos depois* (Foto: Ierê Ferreira)

“A programação durava das 18h às 22h, quando tinha atração na quadra da Unidos de Manguinhos. Se não tinha, o show ia até uma, duas da madrugada... Manguinhos parava, não tinha hora para acabar. Vinha gente de tudo quanto era lugar participar”, descreveu João da Silva, mais conhecido como Mestre Jangada, sambista e jurado do Juvenal na década de 50.

A premiação podia ser uma batida de limão, um doce de laranja ou uma latinha de biscoito, diz José Francisco da Rocha, o Bulau, calouro do programa e homenageado na reedição do evento no dia 26 de novembro, durante a Agenda Cultural Mandela Vive. “A gente dava 50 centavos, que era cruzeiro na época, para o Juvenal correr nos bares locais e conseguir os prêmios. Mas a gente cantava mesmo se não ganhasse nada! Juvenal era o nosso Chacrinha, ele animava muito a gente”, lembrou.

“Era um grupo que aderiu ao trabalho dele, eram músicos, dançarinas, jurados... Nós somávamos as notas e decidíamos quem era o melhor. Mas ele não deixava ninguém ficar sem prêmio não. Quem ganhava levava, e quem perdia, também”, contou Jangada.

Além do canto, o *Show do Juvenal* revelava expoentes de outras modalidades de artes também. “Era uma novidade, pois na época [uma parte de] Manguinhos era como um terreno vazio, depois é que vieram as casas. Tinha o concurso da Rainha do Programa Juvenal, cantores, teatro. As meninas daqui, inclusive eu, costuravam roupa nova para cada domingo”, rememora a atriz, compositora e poetiza Celeste Estrella, atualmente com seus 74 anos, também homenageada no *Show do Juvenal – 47 anos depois*.

Seus dois irmãos tocavam na banda do Juvenal, e muitos ensaios aconteciam na casa deles, um com o violão e outro com o bongo – instrumento de percussão de origem cubana. O programa acabou em meados de 1968, quando Juvenal faleceu.

Juvenal 47

O documentário em produção, com o nome provisório de *Juvenal 47*, é uma iniciativa do Ecomuseu de Manguinhos, que tem entre as suas razões de existir a incumbência de ser um agitador cultural e a de catalogar as movimentações culturais que acontecem nas favelas do complexo.

“O *Show do Juvenal* durou 15 anos e você teve ali um retrato de um Manguinhos que nós, hoje em dia, sequer conseguimos imaginar. Fomos buscar as pessoas que viveram isso para resgatar a história do que não vimos. Mas que há muito tempo vemos viva nas conversas dos mais velhos. Nos interessou também entrevistar os jovens, esses que participaram da reedição do evento, em novembro passado”, explicou Felipe Eugênio, coordenador do Ecomuseu.

Edilano Cavalcante, cineasta que trabalha no Ecomuseu de Manguinhos, está com Eugênio na empreitada de roteirização e produção do documentário. “A ideia era primeiramente recuperar a identidade histórica do evento e por isso fizemos um levantamento dos personagens. Já iniciamos a gravação dos depoimentos deles”, explicou Cavalcante. Segundo ele, o próximo passo será acionar a juventude presente duran-

te a reedição do evento e captar suas histórias e percepções.

“Queremos saber o que os mais jovens acharam do show de calouros que evoca aquele que acontecia nos anos 50 no bairro onde moram atualmente, saber como foram provocados. Indiferença é o que não houve. Foi o dia mais cheio de público da Agenda Cultural Mandela Vive”, retomou Felipe Eugênio.

“Essas pessoas, as mais velhas e as jovens, com o resgate do Show do Juvenal puderam perceber uma simultaneidade de diferentes tempos – as músicas eram contemporâneas e antigas, a dinâmica do show de calouros para uns foi memória que se reconhece, para outros, uma inauguração sobre algo de cor local”, narrou Eugênio. O plano é que o documentário seja exibido em cineclubes itinerantes nas favelas do Amorim, Vila Turismo, Mandela e demais comunidades do Complexo de Manguinhos após sua conclusão.



Agenda Cultural Mandela Vive

A Agenda Cultural Mandela Vive é um calendário de criação, experimentação e apresentações artísticas de múltiplas linguagens que teve a sua primeira edição no ano passado. Ao longo de 2015, foram realizados dois seminários, três dias de programação cultural em Manguinhos, uma editora sem fins lucrativos e duas companhias de teatro foram formadas, e dois livros lançados. No último final de semana de novembro, o circuito completou seu ciclo com o resgate do Show do Juvenal, 2ª Mostra Cultural de Manguinhos e o Baile Literário.

Em sua primeira edição, a Agenda se investiu do mote “arte que contesta” e da força combativa associada ao nome de Nelson Mandela – que também nomeia uma das favelas do complexo de Manguinhos – para discutir o racismo e a desigualdade social em suas ações. Na ocasião, foram exibidos documentários, apresentações teatrais, roda de samba, exposições fotográficas e de artes plásticas.

MAIS INFORMAÇÕES:

<http://portal.fiocruz.br/pt-br/content/manguinhos-tem-tres-dias-de-arte-e-contestacao-com-agenda-cultural-mandela-vive>



Alguns dos antigos frequentadores arranjaram casamentos, outros colecionam histórias de flertes e amizades que tiveram início naquele contexto (Foto: Ierê Ferreira)